

A TRADIÇÃO MACARRÔNICA BRASILEIRA: O MACARRÔNICO PORTUGUÊS EM A MANHA

Rita Salma Feltz
UFSC

O presente trabalho diz respeito a um gênero pouco conhecido, mas que no entanto foi e é largamente empregado. Há de ser perguntar como isso seria possível? Bem, quanto ao seu largo emprego pode se reparar numa verdadeira tradição em se retratar personagens de “além mar”, quase sempre com acentuado cunho humorístico, seja pela sua linguagem macarrônica, seja pelos estereótipos que freqüentemente norteiam a representação do “ser” imigrante ou estrangeiro. Entre tais “personagens” podemos citar Furnandes Albaralhão. Sim, Furnandes Albaralhão, “pueta e litrato”, autor do livro *Caldo Berde*, pelo qual concorreu a uma vaga na “aquedemia vrasilaira de Letras” e sobre o qual tenho voltado meu estudo. Mas, caso haja, por ventura, aqueles que ainda não tenham tomado conhecimento “do nosso inlustre colaboradoire”, antes de prosseguir, apresentarei algumas “explicações” acerca do que norteia tal personagem.

Em 1926 Aparício Torelly, o Barão de Itararé, lança o jornal *A Manha*, aludindo ao nome de um dos jornais mais significativos na época- *A Manhã*. O jornal dava um grande destaque para os macarrônicos, com diferentes “Suplementos”, entre os quais se destacam o “Suplemento do intaliano”, o “Supprimento de Purtugali” e o “Zublemento do Allemanho”, que se caracterizavam basicamente pela imitação macarrônica de falantes do italiano, do português e do alemão. Ou seja, seus criadores operavam com base na oralidade de uma língua estrangeira em mistura com a língua local, ou não, como é o caso do macarrônico do português, isso, é claro, para aqueles que consideram o português brasileiro e o português europeu uma só língua.

Os textos macarrônicos sobre os quais me detive são os do português do “Supprimento de Purtugali”, mais especificamente, as crônicas de Furnandes Albaralhão, “personagem-autor”

criada por Horácio de Campos, entre 1931 e 1933. Como vários “autores” que colaboram no “Suprimento de Purtugali”, Furnandes Albaralhão, não é português, mas sim um brasileiro imerso no espaço carioca, nas décadas de 1930 e 1940. No entanto, forja aquela identidade, fundada por tal espaço de enunciação, dialogando não só com tradições da terra deixada para trás, que passam por reinterpretação, mas também com as tradições, os modos de pensar e agir locais, sendo esta mescla uma outra característica do texto macarrônico. No caso do macarrônico do português, por exemplo, seus autores se apresentam como legítimos portugueses, escrevendo de modo geral em primeira pessoa, e, o que é fundamental, fazendo uso de uma linguagem que embora no plano sintático privilegie a língua local, trás como substrato a prosódia comum entre indivíduos de origem portuguesa.

Esse “jogo” constitui uma das diferentes estratégias de representação do “ser” português, utilizadas pelos vários “autores” que colaboram no “Suprimento de Purtugali”. Tais estratégias podem ser de caráter textual, como a própria composição lingüística, ou contextual – tradições, feitos históricos, costumes, etc..

Como já foi dito anteriormente, maior atenção foi relegada a colaboração de Furnandes Albaralhão. De início, tal destaque lhe foi dispensado pela constância de sua participação no “Suprimento”, porém logo em seguida o que caracterizou tal interesse foi a forma inusitada e tão própria com que Furnandes Albaralhão abordava os assuntos, e na originalidade dos próprios assuntos que vão desde escatologias, como o peido, o bodum, “a cuçaira”, até questões um tanto mais abstratas, filosóficas, como a morte e “u amoire”. Para apresentar sua singularidade, no entanto, não foi preciso que “desvirtuasse” os recursos expressivos possibilitados pela linguagem

e pela perspectiva em que se funda o gênero macarrônico, muito pelo contrário. Esta se faz presente justamente pelo fato de assumi-los com abusada ironia.¹

“Ora, muinto que baim”... Feitas as “explicações” que explicam, por sua vez, a situação um tanto singular do gênero macarrônico apresentada já no início desse texto, talvez decorrente do fato de haver uma produção considerável em gênero macarrônico e poucos os estudos que prestigiem tal produção, pode-se agora prosseguir com nosso exemplo de personagem macarrônica, Furnandes Albaralhão, que como já foi dito mesmo assumindo o lugar textual fundado pelo macarrônico, e porque assumindo tal lugar, vez ou outra distancia-se do lugar comum (comum para quem, resta saber?), que reitera uma série de estereótipos ligados a figura do imigrante comumente vinculando-a ao âmbito do cômico, do grotesco e do ridículo. Não que Furnandes Albaralhão deixe de fazer isso, pois ele o faz, afirma uma série de estereótipos e boas risadas consegue com isso, mas ao afirmá-lo por um viés irônico o nega também, e nutre com isso saborosas risadas, só que nesse caso não do representado sobre o qual atuam os preconceitos, mas daqueles que os conservam (os preconceitos).

Um dos primeiros textos em que Furnandes Albaralhão já demonstra total singularidade e a força de sua voz autoral é “A cuçaira”, uma de suas crônicas publicada no “Supprimento de Portugali”. Como o próprio título denota, o assunto do qual se propõe a tratar é nada mais nada menos que a “cuçaira”, aquela “buntade vesta qu’uma pissôa taim d’arranhaire a pé! du corpo, cand’ella (a dita pé!) principia a nus cumaire, ou, aim outros bocabulos, cando a rif’rida da pissôa sente, disaijo d’isfriga-la (a rif’rida dita).”, o qual tem sua banalidade, sua obviedade transpostas em algo “emucionante e de queracter pusitivamente praticulaire.”, definido, investigado com um interesse que beira ao científico, o que destoa completamente do referido assunto. Tal definição

¹ O fato de Furnandes Albaralhão ter também publicado, no período em que colabora em *A Manhã*, uma coletânea de poemas, *Caldo Berde* (1931), dá a medida de seu alcance enquanto personagem portuguesa e de sua importância no contexto do macarrônico como um gênero textual específico. Vale lembrar que a coletânea teve reedição, cuja data é no entanto desconhecida.

do fenômeno tratado, tido como óbvio, leva a uma potencialização do cômico. Isso, entre outras coisas, é obtido através da própria composição lingüística, na confusão de referentes, por exemplo, da citação anterior- “buntade vesta qu’uma pissôa taim d’arranhaire a pé! du corpo, cand’ella (a dita pé!) principia a nus cumaire, ou, aim outros bocabulos, cando a rif’rida da pissôa sente, disaijo d’isfriga-la (a rif’rida dita).”[grifo meu]. Isso, aliado à “normalização” do disparate, à lógica do “vanho trimestrali”, acaba por despertar um certo estranhamento por parte dos “qu’ridos laitores”, que ainda se deparam com os exemplos apresentados por Furnandes Albaralhão. O que, aliás, é próprio de um discurso de caráter científico, já que se faz necessário comprovar os argumentos defendidos em seu “artigulo”. Porém, ao introduzir seu exemplo destoa do tom um tanto impessoal também próprio do discurso científico, pois a ilustração da “teoria”, no caso, é dada pela experiência do próprio cronista. Sendo assim, tendo afirmado que a “urigem da cuçaira prubaim casi sempre du esquécimento que taim um gajo calquére de tumaire u vanho trimestrali.”, o “autor” introduz seu “depoimento”:

“Eu cá qu’u diga, Duma feita m’isqueci de tumaire vanho cinco mezes a fio. Bae dahi, cumiçai a sentire uma cumichaira temanha que não mi satisfazia naiam cuçando c’uma bassoura de piassaba. Isprimentai um sirrote, dispois um arame furpado e finalmente um raladoire e não habia nada que fizesse u raio da cuçaira passaire.

Um petricio meu, u Vridiodes, ministrou-me a meu pedido uma vruta cóça de cano de vurracha, mesmo na supreficia du lucale da cumichadella! Eu gritei feito uma vesta! Cando a surra acavou, u raio da cuçaira cuntinuaba firoiz, pirenne, rinitente e avurricitiba.

U bizinho de vaixo, sanvendo qu’eu staba pur conta du Bunifaço, aconselhou-me, então, maternalmente:

— Ó Furnandes! Purque tu não sprimentas tumaire um vanho?

— Vanho? — arrispundi-lhe de mau humoire. — Ora daixe-se d’ innubações!

— Stou a lhe dizer! Issu tudo bae invora!

— Issu que bucência taim é sujaira...

— Mas então...

— Sujaira?! Não é pussibel! Eu me vanhei não ha ainda cinc mezes...

— Pois ispriemente vanhar-se e diga-me cá dispois!

Essa declaração avissoluta, dita assim nais minhas vuchechas, mitteu-me especie Rufflecti, rufflecti e disse cá cum us meus vutâens:

— Bá lá!

Cum certos iscrupulus, arrisulbi tumaire um vanhito... Int'ressante! A cuçaira avrandou... Isso passou-se bae já pra sete mezes.

Cabe ressaltar, no entanto, que ao apresentar, a título de ilustração, tal experiência, Furnandes Albaralhão não só introduz um elemento de caráter pessoal, como também assume uma suposta “autoridade”, um ar “professoral”, ou de quem pode indicar certas condutas, assim como se a ele tivesse sido delegada alguma autorização para que assim se manifestasse, apresentando este “quepitulo palpitante e de rilibante int'resse”, e tudo isso, é claro, não esqueçamos, apoiando-se nesse discurso de tipo acadêmico, científico, no argumento também de autoridade.

Mas, eis que nos deparamos com a ambigüidade de Furnandes Albaralhão que, ao término de sua “lição”, ao contrário do que seria de esperar, passa uma “mensagem” aos leitores que é por ele mesmo desprezada, como se alguma força ou impedimento maiores impedissem a personagem de segui-la, como se algo de seu, dos seus, que representa, produzisse uma certa aversão a um banho. Assim, passados sete meses, volta a sentir “umas cumichões”, o que motiva inconformidade: “dizer-se, agora, que é falta de vanho é um avissurdo discummensurabel! Pois si eu me vanhei nãoon ha ainda sete mezes...”² Então, embora todo o texto leve a crer que a “cuçaira” está atrelada à falta de higiene pessoal, no parágrafo final o “autor” de certa forma nega tal relação, ou melhor, nega-se a seguir seus próprios “conselhos”.

Esse caráter duplo, contraditório, é bastante recorrente nos textos de Furnandes Albaralhão, sendo muitas vezes resultado do trabalho exercido em torno da linguagem, mas principalmente pela forma como nega e afirma estereótipos, quer dizer, ao mesmo tempo que reitera uma série de preconceitos acerca do indivíduo de origem lusa, os ataca. Desse modo, mesmo quando forja a posição de um imigrante português e afirma não ser tão asseado no que se refere ao trato pessoal,

² Furnandes Albaralhão “A cuçaira”, “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n.23, 23/05/1931.

digamos assim, em nenhum momento afirma: “português não toma banho”, mas sim “joga” com a pressuposição de um preconceito já existente por parte do senso comum, para o qual ainda que o “vanho trimestrali” seja “normalizado” e a linguagem macarrônica forje um lugar de autoridade continuará a ser absurdo. Esse trabalho em cima do estereótipo é mais uma das características do gênero macarrônico. Como se vê, o que difere Furnandes Albaralhão dos demais, novamente, não é a “deformação” dos princípios básicos do macarrônico, mas a sua “exageração”, digamos assim, que se por um lado consagra a prática do preconceito, por outro lado, justamente por ser levado ao extremo, “desvela e denuncia sua absurdidade: desmascara-se com isso a falta de fundamento do estigma, que aparece nu, como nada mais que estigma.”³

Dependendo de como lido, absurdo pode ser o fato de um suposto português escrever um tratado sobre um tema irrelevante sob inúmeros pontos de vista, numa linguagem não convencional, e “primitiva”, posto que fundada na oralidade, sobre sua aversão a dada prática corriqueira, o que confirma e leva mais longe a sua “primitividade”. Mas absurdo pode ser também a crença de que portugueses, como a personagem, possuem como uma característica intrínseca a aversão a banhos. Furnandes Albaralhão, de todo modo, com seus textos introduz uma perspectiva perturbadora, na medida que força uma reflexão sobre conhecimentos, concepções de mundo e objetos culturais que de maneira geral são aceitos e reproduzidos sem maiores considerações. Operando no nível da crença, a personagem joga com o domínio do familiar, do sistematizado, introduzindo nele o prisma do estranhamento.⁴

Um outro texto de Furnandes Albaralhão publicado em *A Manha* que apresenta ambigüidades tanto no nível lingüístico como no nível dos estereótipos é “U Pulsibaijo”, um “istudo chimico”, no qual, ainda seguindo a linha de “texto científico”, define e descreve todas as “espécies” em seu “meio”: “É pulsibaijo de todas as quilidades, faitios e quiraquitéres. Bêem-se us loiritos, us questanhos, us arridundados, us de faitio de casca de faijão, tudo aquillo a se mubimentaire vrandamente, uns pra cá, oitros pra lá... Só bisto qu’ intimidade!” .

³ FELTZ, Rita. “Furnandes Albaralhão e o “Supprimento de Portugali””, 2001, Projeto PIBIC-UFSC. --no prelo--

⁴Idem. Sobre o conceito de “estranhamento”, ver Sigmund Freud, “O estranho”, em *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (Obras Completas - vol. XVII), RJ: Imago, 1969.

No aspecto lingüístico, também podemos perceber nesse texto, como ocorre em “A Cuçaira”, a confusão de referentes, porém aqui tal confusão torna-se bem mais significativa, uma vez que está a associar portugueses/imigrantes a parasitas/percevejos: “ Que mal ha? Nigáre rifugio em nosso laito a esses povres immigrantes, é uma acção bil, intulirabel, incunsiquente!”.

No campo dos estereótipos, embora seja difícil separar uma coisa da outra tendo em vista que a linguagem macarrônica em si já encerra essa noção, encontra-se um duplo posicionamento em relação aos imigrantes/portugueses, pois ao mesmo tempo que rebaixa sua figura, associando-o ao “pulsibaijo”, o defende justamente nessa posição de “ser” parasitário, pois ao efetuar tal relação e nela confundir os referentes, mesmo que sua “defesa” seja destinada aos percevejos, pode na verdade soar em “defesa” dos imigrantes. Assim, ao mesmo tempo que rebaixa os imigrantes por associar sua figura a de um inseto “ chupa sangue”, reiterando o preconceito, os “exalta” na medida que defende esses “diligados insectinhos” : “Hoje em dia u pulsibaijo faz parte da familia e é prciso disapparicêre duma beis esse pricunçaito que inziste contra u povre du animalsinho.”

Dentre as estratégias utilizadas por Furnandes Albaralhão, peculiares ao gênero macarrônico, mencionou-se o uso da primeira pessoa em seus textos, na qualidade de imigrante. Podemos tomar tal posição que assume como a de alguém vivendo longe da pátria, movendo-se com padrões culturais alheios, como base para se refletir acerca dessa situação de contato, enfim essa hibridização gerada pela presença do imigrante, fadada ao confronto, ainda que esse contato possa até se dar de forma harmoniosa. O mais interessante notar é que essa mistura seja ela lingüística ou de costumes, tradições, etc., bem como suas influências constituem uma via de mão dupla, quer dizer, esse contato não influenciou tão somente os imigrantes, os estrangeiros, pelo

contrário, também deixou seus traços no tipo local, “atormetado” pela visão do outro, cuja simples existência já é suficiente para saber que não são únicos, nem são únicos seus modos de vida, sua língua... Assim, a pureza, a homogeneidade já não são impossíveis só ao imigrante, ao estrangeiro, ao representado, mas também ao que representa. Então não resta uma unidade do lugar que ocupam, tampouco uma unidade cultural, tudo mistura-se e só “na utopia é que há autenticidade”. O deslocamento, a viagem “põe a descoberto o princípio da pluralidade cultural”⁵

Há também, claro, textos em que preconceitos são antes de mais nada reiterados, sobressaindo um tipo de comicidade feito às expensas das personagens representadas – uma reiteração dos estigmas. Quando porém elas são menos motivo que motivadoras do riso, quando logram instituir o viés relativizador, os textos por elas assinados atingem alto grau de coerência interna, há um ajuste harmônico entre as referências contextuais e os elementos textuais. O macarrônico atinge então seu nível mais alto em termos polêmicos e críticos, políticos e transgressivos.⁶

Até o momento mencionou-se uma série de estratégias textuais e contextuais utilizadas por Furnandes Albaralhão para representar a figura do imigrante, sendo todas elas peculiares ao macarrônico e por isso também utilizada por outros colaboradores. Como exemplo podemos citar o lugar textual que se funda, entre outras coisas, pelo uso de primeira pessoa, “encarnando” a suposta identidade do que seria um imigrante português “menbaro da culónia”. “Muinto que baim”, então, além do jogo de contradições que tece em seus textos, o que contribui para a peculiaridade e força da voz autoral Furnandes albaralhão? Talvez, um dos aspectos que o diferencie seja o universo textual no qual está inserido que embora se assemelhe em alguns aspectos com o dos demais colaboradores, apresenta algumas peculiaridades. Afinal, nosso “qu’rido petricio” não é um simples “colaboradoire”, mas sim um “inlustre colaboradoire” que não só é personagem-autor como também personagem, explicando melhor, aparece no jornal não

⁵ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*, S.P.: Perspectiva, 1978, p.22

⁶ Ver nota 3.

apenas escrevendo seus textos, figurando como “autor”, mas também como tema, quer dizer, sua personagem é construída não somente pelo que diz sobre si mesmo, mas também sobre o que dizem sobre ele. Assim, sua personagem é constituída por referências textuais presentes não só nas páginas do “Supprimento de Purtugali”, mas na própria *Manha*. Como exemplo disso temos as “circumf”rências” que, diferentemente das dos demais colaboradores, são “circumf”rências literarias” e que por essa razão não se realizam na sede da “União faiz a força dos barejistas”, mas sim no “Gavinete Purtugueiz di Literatura”. Assim, se vai construindo para Furnandes Albaralhão uma posição social de prestígio, na qual “vaga” de literato, com direito a citações latinas, livro publicado e tudo (trabalhando com o estereótipo da própria figura do literato) a dono da “Furnandes albaralhão e cia.”

No “elenco” de textos sobre Furnandes albaralhão temos dois artigos a respeito de seu livro *Caldo Berde*, uma coletânea de poemas que teve sua publicação paralela ao período em que colabora com *A Manha*. Tais artigos constituem uma espécie de crítica literária, ou até mesmo publicidade do livro de Furnandes Albaralhão, sendo que um deles, escrito não em macarrônico, mas em idioma vernáculo, castiço, aparece nas páginas “normais” do semanário, dando ainda maior espaço e consequentemente alcance para o livro e para a própria personagem.⁷

Um deste artigos, publicado no espaço do “Supprimento”, apresentava ao leitor o vate, “pueta barejista e hunrado litt’rato desta praça”, “membaro impurtante da culônia, na cuja goza d’alto cunçaito, como fino ertista, qu’o é, de facto”, transcrevia, “como panno d’amostra aus qu’ridos laitores”, um dos poemas, “um triulet oitabado, difficile genero de puisia”. É importante ressaltar tal “análise” que o “crítico” faz ao tipo de poesia realizado por Furnandes Albaralhão, primeiro atribuído ao seu poema o adjetivo de “difficile genero”, em seguida o classificando

⁷ “Pelo mundo das letras (Obra de folgo)”, em *A Manha*, RJ, Ano III, n.23, 23/5/1931 (por “dyonisius, capitam de milicias).

como um triolet com versos octossílabos, quando o poema não se enquadra em tais formas. Dessa forma, o “crítico” na verdade parece pôr em ridículo determinados padrões poéticos que vinham sendo tão criticados pelos modernistas da época, isso fica mais evidente se levarmos em conta que o poema em questão “A bingarça da porta” é paródia de um conhecido soneto de Alberto de Oliveira, versificador clássico por excelência.⁸

Como se vê, a colaboração de Furnandes Albaralhão é de grande relevância para o “Suprimento de Portugali”, seja pelo riso, afinal não há como negar a hilaridade de seus textos, seja pela crítica e reflexão que suscita. Originalidade parece ser a marca essencial de seus textos, até mesmo daqueles mais hilários do que críticos, pois um dos aspectos que mais contribuem para tal originalidade é sua criatividade no trato com a linguagem (cacofonias, trocadilhos, etc), presentes em todos os seus textos.

Conforme o que foi dito até aqui já se deve ter notado que traços estereotipados atribuídos aos portugueses constituem matéria-prima principal para Furnandes Albaralhão, assim como para os demais colaboradores, e o mais incrível é que não inventam tais estereótipos, apenas reproduzem algo já presente na imaginação brasileira. O cronista nada mais faz que aproveitar alguns dos traços principais que compunham o estereótipo. É o estereótipo, portanto, o elemento de base do macarrônico em português de Portugal de *A Manhã*. A diferença se constitui no “trabalho” que se faz a partir dele. Furnandes Albaralhão, por exemplo, com abusada ironia revisita certos “lugares” inquestionáveis, a tradição, para criticá-la, repensá-la a partir do próprio lugar macarrônico, diferentemente do esperado como padrão de referência e excelência.

“Em momentos como tais o macarrônico opera na contra-mão de discursos instituídos, atinge seu maior nível de consistência como ato crítico e criativo. O estereótipo torna-se motor, princípio para revisão de valores. E o português é afirmado não como sujeito fechado em

⁸ “Libros Nôvos (“Caldo Berde”, du pueta Furnandes Alvaralhão), em “Suprimento de Portugali”, *A Manhã*, RJ, Ano III, n. 15, 27/03/1931 (artigo não assinado).

classificações gerais e nada imparcias, mas como sujeito de um conhecimento, de um fazer polêmico.”⁹

⁹ Ver nota 3.